



A Construção da Imagem do PCC no Jornalismo ¹

Denise Cristine Paiero

Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre e Doutoranda do Programa de Estudos Pós Graduated em Comunicação e Semiótica da PUC São Paulo

Vagner de Alencar Silva

Estudante de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Bolsista Mack Pesquisa

Resumo

Este trabalho visa a analisar a construção da imagem pública do Primeiro Comando da Capital (PCC) a partir da criação de fatos jornalísticos e de sua repercussão na imprensa. Para isso, analisamos os veículos *Folha de S. Paulo* e *Jornal Nacional*, em alguns episódios, recortados, principalmente nos períodos em que o grupo se tornou notícia, desde o surgimento da facção na mídia, em 1997, até o auge da presença do PCC, em 2006, quando os ataques da facção pararam a cidade de São Paulo. Buscamos compreender os elementos que foram utilizados pelo grupo criminoso para chamar a atenção dos jornalistas e veículos de comunicação e como os resultados das ações do PCC, quando cobertos pela mídia, acabaram se repetindo em outras ações que buscaram visibilidade.

Palavras-chave

Jornalismo, PCC, violência urbana, mídia

Corpo do trabalho

O Primeiro Comando da Capital (PCC) é hoje considerado a facção criminosa mais perigosa do Brasil. O surgimento do grupo aconteceu durante um jogo de futebol no “Pinheirão”, na tarde de 31 de agosto de 1993.

“Eram 8 presos, transferidos da capital por problemas disciplinares, para ficar em Taubaté – até então, temido pela classe carcerária”. Os detentos permaneciam 23 horas ininterruptas dentro da cela. Os oito estavam sendo punidos pela má conduta no antigo presídio e pelo fato de ter vindo de São

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.



Paulo o time foi chamado de Comando da Capital (SOUZA, 2006, p. 93)

Estima-se que hoje o PCC tenha cerca de 130 mil membros, dentro e fora das prisões. Um verdadeiro “sindicato do crime” que comanda rebeliões, fugas, resgates, assaltos, seqüestros, assassinatos e o tráfico de drogas (SOUZA P., 2006, online).

Mas mais forte que a presença de fato da facção no controle do crime em várias regiões de São Paulo, do Brasil e até do exterior (sabe-se que hoje há representantes do PCC atuando em Portugal) foi a imagem que ele criou a partir de fatos que tinham a intenção de buscar visibilidade.

Ao longo da sua história, o PCC já foi responsável por eventos espetaculares, que não poderiam passar despercebidos pelo jornalismo, como megarrebeliões em presídios, ataques simultâneos a órgãos públicos, incêndios a ônibus, sequestro de jornalista e até a suspensão da rotina na cidade de São Paulo, que aconteceu em maio de 2006. Todos, eventos que mais que o terror em si, visavam à sua expansão pelos meios de comunicação.

A mídia jornalística, ao cumprir sua função de informar, teve e tem, ainda que involuntariamente, papel fundamental para a disseminação e o fortalecimento da imagem do PCC, sendo responsável por grande parte de seu crescimento e do destaque que a facção recebeu ao longo dos últimos anos.

Nesta pesquisa, o que analisamos foi especificamente a mediação da relação PCC/sociedade e seu impacto na vida social. Para isso, consideramos que

a forma como a prática jornalística, ao atender a certos padrões, acaba por servir aos propósitos de potencialização dos atos terroristas o que, evidentemente, tem grande impacto no interior da comunicação e na organização da vida cotidiana, seja pelo papel desempenhado pela mídia como organizadora do tempo cotidiano quanto pela afirmação de Luhmann (1997) de que tudo que sabemos do mundo sabemos por meio da mídia. (Paiero, 2009, p.5)

Procuramos compreender o cenário midiático em que o PCC atua e de que forma ele explora a tendência à espetacularização da notícia na elaboração dos seus eventos que buscam visibilidade. Sobre a ideia de espetáculo, Guy Debord afirma: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma



imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”. (1992, p.12)

Ainda segundo o Debord, o espetáculo é o que move a sociedade contemporânea. Isso está presente inclusive, e, sobretudo, nos produtos midiáticos, onde a exposição e o consumo do espetáculo se dão de fato.

ARBEX (2002) traz um conceito parecido ao analisar a construção da notícia nos veículos de comunicação contemporâneos e observar que, de fato, no jornalismo, tudo se transforma em um grande show, no qual os elementos espetaculares se sobrepõem ao interesse público.

Para este trabalho, a fim de compreendermos como se constrói a imagem pública do PCC no jornalismo, analisamos a cobertura dos episódios em que a facção teve mais destaque, desde o seu surgimento. Não recortamos, portanto, um período sequencial para análise, mas períodos específicos desde o surgimento do PCC até hoje, selecionando aqueles momentos em que a facção ocupou lugar de destaque nos noticiários a partir de eventos pensados pelos próprios criminosos.

A presente pesquisa buscou compreender o papel do jornalismo para a formação e o fortalecimento da imagem da facção criminosa. Buscamos entender como o jornalismo, ao cumprir sua função, acaba por servir aos interesses daqueles que se colocam contra a sociedade.

1. Mídia, sociedade e violência

Antes de compreendermos como uma facção criminosa consegue ganhar notoriedade tão grande na mídia jornalística a partir de episódios espetaculares, é preciso entender como se dá a construção da visibilidade no jornalismo voltado para o grande público. Para Morin (1987) a cultura de massa, constituída por um conjunto formado por normas, símbolos e imagens é destinada a um “aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade”, gera o preceito de consumo máximo.

Na sociedade contemporânea, sob a alimentação do poder simbólico, a mídia é construída pela presença espetacular dos acontecimentos e pela massificação da visibilidade. Conforme explica Arbex: “(...) Os meios de comunicação de massa – afirma Debord – são apenas “a manifestação superficial mais esmagadora” da sociedade do espetáculo” (2002, p. 69).



Dentro do espetáculo midiático, a temática da violência os personagens associados a ela estão presentes diariamente.

2. A História do PCC

Inicialmente, o PCC atuou por três anos discretamente, porém ao longo de uma década, desde sua fundação, a facção aumentou, de maneira expressiva, o número de filiados. No ano de 1997, o PCC contava com oito mil homens. Em 2006, apenas nos presídios, o comando registrava 120 mil.

A organização é comandada por presos e foragidos, principalmente no Estado de São Paulo Estima-se que hoje o PCC tenha mais de 130 mil membros, dentro e fora das prisões.

O massacre na Casa de Detenção, em 1992, no qual mais de cem detentos foram mortos, foi uma das causas que levaram oito detentos da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté a fundar o PCC. Com o propósito de defender os direitos dos presidiários, o grupo criou uma espécie de sindicato, por meio do qual reivindicariam soluções para as péssimas condições às quais eram submetidas nas cadeias. (SOUZA, 2007, p. 15)

O PCC aumentou o número de filiados de forma rápida. Diariamente, alguém se apresentava para fazer parte do grupo, o que gerou, posteriormente, o “organograma do PCC”, determinando as responsabilidades de cada um. Foi criada a cobrança de uma espécie de caixinha mensal, paga por todos os membros: cinquenta Reais para os detidos e quinhentos Reais para os que estivessem em liberdade. A quantia arrecadada servia para comprar armas e drogas, pagar funcionários das cadeias e policiais corruptos. (SOUZA, 2007, p. 26).

Em 2001, a facção criou um estatuto, com dezesseis itens que estabeleciam os princípios da organização. O item 11 do documento prevê que o lema absoluto “A Liberdade, a Justiça e a Paz”. Segundo Para Percival de Souza (2006), “o crime organizado construiu seu formato, estabeleceu seus códigos, criou uma nova linguagem, avançou sobre funcionários de presídios, sobre juízes, policiais, promotores, advogados e sobre jornalistas” (p. 13)



3. Análise

Nosso corpus foi constituído pelo jornal *Folha de S. Paulo*, escolhido por ser publicado na cidade de São Paulo, onde a facção surgiu e realizou a maior parte de suas ações que mereceram destaque, e também por estar entre um dos veículos impressos mais influentes e de maior circulação do Brasil, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC). Analisamos ainda o *Jornal Nacional*, que é o telejornal mais visto do Brasil, alcançando em média 35 pontos diários no Ibope.

Nosso objetivo foi investigar como e quando o PCC passou a ganhar visibilidade e que elementos foram utilizados pela facção para chamar a atenção de jornalistas e veículos de comunicação, a ponto de suas ações se tornarem notícia obrigatória. Outro ponto que observamos foi a repetição das imagens dos eventos espetaculares gerados pelos criminosos e o seu efeito potencializador sobre as ações do PCC. Ao mesmo tempo, observamos como os resultados de uma ação do PCC, quando cobertos pela mídia, acabam se repetindo em outras ações que buscam a mesma visibilidade, provocando, assim, uma realimentação entre jornalismo e facção criminosa.

O primeiro período recortado foi o mês de maio de 1997, quando a *Folha de S. Paulo* publicou as primeiras matérias acerca do PCC. Observamos que episódios levaram a mídia a cobrir os atos da facção e que tratamento receberam.

Em seguida, foi analisada a rebelião no presídio Presidente Bernardes em julho de 2000, episódio que totalizou cinco presos mortos a golpes de estiletes pelos companheiros e um ferido internado em estado grave, que exigiam a transferência de 50 detentos para presídios da capital. O evento recebeu cobertura ao vivo de vários veículos de comunicação e repercutiu na mídia durante vários dias. Pode-se dizer que esse evento fez com que o PCC se tornasse pauta obrigatória para o jornalismo e ficasse conhecido do grande público.

Posteriormente, analisamos a cobertura feita pelos veículos selecionados aos ataques do PCC que ocorreram em 2006, e que se iniciaram em março desse ano quando detentos tomaram várias unidades prisionais do estado de São Paulo, eclodindo uma enorme rebelião. Verificamos ainda a cobertura feita em maio de 2006, quando o PCC quebrou a rotina da cidade de São Paulo, colocando a população sob a ameaça de ataques e parando a cidade por vários dias do mês.



Outro episódio que analisamos foi o sequestro pelo PCC do repórter da Rede Globo, Guilherme Portanova, e do técnico Alexandre Coelho Calado, em 13 de agosto de 2006, cuja exigência para libertação dos reféns pelos sequestrados era espaço para a leitura de um manifesto no TV Globo, o que foi concedido pela emissora.

Analisamos ainda outros eventos que se mostraram relevantes ao longo da pesquisa. Foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo das mídias pesquisadas, observando, principalmente, pontos como: os elementos destacados pelo jornalismo nos textos e imagens apresentados pelas publicações / programa; os valores-notícia atrelados à cobertura midiática desses episódios; a forma como nome do PCC foi citado; o tipo de fonte que foi ouvida nessa cobertura; como se deu a repetição de imagens ou dos mesmos padrões de imagens geradas pelo PCC na cobertura midiática; como uma cobertura de destaque acaba pautando outros atos do PCC.

Verificamos, portanto, textos e imagens sobre o PCC nos episódios selecionados e também os elementos destacados pela cobertura.

3.1. Jornal *Folha de S. Paulo*

3.1.1 Primeiras publicações

Até 22 de maio de 1997, a *Folha de S. Paulo* referia-se à sigla PCC como “Plano de Classificação de Cargos”. No dia 25, o jornal mencionou pela primeira vez o Primeiro Comando da Capital, no Caderno *Cotidiano*. Na mesma data, ainda com as sub-retrancas: “Organização prega rebelião em presídios”, “Em 85, grupo foi investigado”, o jornal faz as primeiras referências ao PCC, que até o final daquele ano foi tratado por “suposta organização criminosa.” Nesse momento, é possível perceber que em nenhum há referência às siglas do comando. Por outro lado, por ser a primeira aparição do PCC, até então não conhecido, pode-se considerar que o jornal repercutiu de forma significativa o nome do grupo.

3.1.1. Rebelião Presidente Bernardes

Na cobertura da rebelião de Presidente Bernardes, onde cinco presos foram mortos durante a ação, foram apenas duas citações do PCC, na matéria publicada no dia 14 de julho de 2000. “As mortes ocorreram no início da rebelião, quando os 50 presos ligados



ao PCC (Primeiro Comando da Capital) conseguiram fugir da área do ‘seguro’” (*Folha de S. Paulo*, C3, 14/07/2000)

Uma rebelião em 24 presídios de São Paulo deixou ontem pelo menos 8 mortos e 22 feridos. Cerca de 27 mil presos – quase a metade dos 60 mil condenados que cumprem pena no Estado – começaram a dominar, por volta das 12h, penitenciárias em 19 cidades. Foi a maior rebelião na história do país (*Folha de S. Paulo*, C1, 19 de fevereiro de 2001)

3.1.2. Megarrebelião simultânea

Em 17 de fevereiro de 2001, com a megarrebelião que envolveram 29 presídios, simultaneamente, a *Folha de S. Paulo* passou a dar maior visibilidade às ações geradas pela facção. As manchetes aparecem sempre com o nome do grupo criminoso e as imagens também passar a receber um maior enfoque pelo veículo: “PM ocupa Detenção e retira líderes do PCC” (17/02/2001), “PCC lidera 27 mil presos em 19 cidades de SP na maior rebelião da história do país” e “Prova de Fogo” (19/02/2001)

3.1.3. PCC para a cidade de São Paulo

Em maio de 2006, a sucessão de eventos gerados pelo PCC, que duraram quatro dias e interromperam o funcionamento da cidade de São Paulo, ganharam enorme repercussão pela mídia, evidenciando, por sua vez, o caráter espetacular na cobertura pela mídia e na organização dos eventos pela facção. No dia 13 de maio de 2006, a *Folha de S. Paulo* estampou em quatro páginas, no caderno *Cotidiano*, as manchetes: “PCC ataca e mata policiais após transferências” e “Polícia pretendia isolar a cúpula do PCC”.

No dia 14 de maio de 2006, a facção ganhou visibilidade e recebeu grande destaque levando a manchete de capa: “*Ataques do PCC deixam 30 mortos*”. O Caderno *Cotidiano* apresentou uma edição especial. Por meio da subretranca “guerra urbana”, a explicitação dos números foram cada vez mais presentes na cobertura da *Folha de S. Paulo*. A manchete “Maior ataque do PCC faz 30 mortos” é o destaque do caderno referido sobre a imagem do chapéu ensangüentado de um policial.



No maior ataque já realizado contra as forças de segurança de São Paulo, a facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) provocou a morte de 30 pessoas, feriu outras 24, bombardeou delegacias, metralhou carros e bases da Polícia Militar, de guardas municipais e até do Corpo de Bombeiros, e ainda promoveu 24 rebeliões simultâneas em presídios da região metropolitana e do interior do Estado, segundo o governo.
(FACÇÃO promove 63 atentados em 24 horas, *Folha de S. Paulo*, 13 de maio de 2006, São Paulo. Cotidiano, p. A2)

Nessa edição, o caderno repercute em nove páginas, os eventos protagonizados pelo PCC, apontando a análise de especialistas, a posição do Governo Estadual, a repercussão das redes sociais e o desdobramento dos ataques.

No dia 15 de maio de 2006, a imagem de um ônibus incendiado ilustrou a capa da *Folha de S. Paulo*, e novamente o PCC foi o centro das atenções por meio da manchete “PCC faz mais de 150 atentados e provoca 80 motins; 74 morrem”. O destaque às estatísticas de mortos e atentados é algo que também chama atenção e evidencia a força da facção. Ao fazer isso, o jornalismo a alimenta.

A presença de imagens de ônibus em chamas, rebelião de presidiários e o nome da facção mostrado do alto pelos veículos jornalísticos, entre eles o jornal analisado, foi mais um reforço para os atentados. Nas 17 páginas, nas quais foi retratada a atuação do PCC nesse dia, foi possível observar a importância dada às imagens. No caderno *Cotidiano*, a manchete “PCC ataca ônibus e bancos, promove megarebelião e amplia medo no Estado” é dividida em três orações, de modo que ilustre as imagens destacadas e os números que indicavam “74 mortes, 156 ataques e 80 rebeliões”.

No quarto dia de ataques, as expressões “medo”, “terror” e “pânico” continuaram a ser veiculadas nas matérias do jornal. No dia 16 de maio de 2006, a manchete de capa da *Folha de S. Paulo* avisa que o “Temor de novos ataques causa pânico e fecha escolas e lojas”. O caderno *Cotidiano*, sob chapéu “guerra urbana”, levou a manchete ao qual enfatizava que “o medo de ataques para São Paulo”. E novamente, os números na cor vermelha ganharam tanto destaque, quanto as imagens de fogo e de bandeiras com o nome PCC.

Uma onda de pânico fez parar ontem a maior e mais rica cidade do país e espalhou choque e medo pelo Estado de São Paulo. No quarto dia de terror provocado pela facção criminosa PCC contra bases policiais, assassinatos e rebeliões. Mas ataques a ônibus, fóruns a madrugada foram amplificados ao longo do dia



por rumores e trotes e fizeram escolas, lojas e repartições públicas fechar em cascata. O clima de medo perdurou até a noite, quando bares, restaurantes e até supermercados 24 horas deixaram de funcionar” (MEDO de ataques para São Paulo, *Folha de S. Paulo*, 16 de maio de 2006, São Paulo. Cotidiano, p C1)

4. Jornal Nacional

A análise do *Jornal Nacional* foi feita no arquivo do site do telejornal, em notícias selecionadas por palavras-chaves. No site do telejornal não há todos os vídeos das notícias que analisaremos. Entretanto, apesar da ausência da exibição das cenas, há a transcrição das matérias repercutidas. Nestes casos, que serão explicitados, não faremos, a análise das imagens veiculadas.

2. 1 - O nome do PCC

A expressão PCC aparece em 22 de agosto de 2001, referindo-se ao *Plano de Cargos e Carreira* do governo aos servidores públicos. Apenas um trimestre depois, em 12 de novembro de 2001, o telejornal menciona a sigla do Primeiro Comando da Capital, como “a quadrilha PCCi, que domina presídios paulistas”. Um mês depois, o telejornal já apontava o PCC como a maior facção criminosa de São Pauloii”.

É possível observar que, gradualmente, a facção adquiriu repercussão no telejornal, passando a se tornar notícia obrigatória. O comando, por sua vez, utilizou de recursos para ganhar visibilidade na mídia, tais como a utilização de fogo, a repetição de imagens, a rebelião de vários presídios.

O PCC passava a alimentar o *Jornal Nacional* da mesma forma que o telejornal se nutria com as ações da facção. Entre os dias 12 de novembro de 2001 e 09 de março de 2002 foram encontradas doze retrancas no programa. Em todas elas o Primeiro Comando da Capital é citado pelas siglas da facção. Ao longo das reportagens desse período, a cobertura midiática do veículo utilizou elementos que evidenciaram o destaque dado à facção e a forma como o telejornal emitia os valores-notícia embutidos em suas reportagens sobre o PCC. A utilização de expressões com teor de sensacionalismo também foram utilizadas, para que fossem destacados elementos que chamassem a



atenção do telespectador. Como consequência, as ações negativas dos criminosos foram fortalecidas. Vejamos como o JN destacou a imagem do PCC ao público.

2.2. Manchetes no Jornal Nacional

Os seguintes textos foram publicados no *Jornal Nacional*, nos meses de fevereiro e março de 2002:

Guerra das facções – Homens ligados ao PCC - Primeiro Comando da Capital - assumiram a responsabilidade pelas mortes. A sigla da facção foi escrita nos pátios. Num lençol, o nome de um dos chefes da maior rebelião da história do país, que foi transferido para um presídio do Distrito Federal. 18/fev/2002

Assassinado um dos fundadores da organização criminosa – Hoje um dos fundadores da organização criminosa PCC foi assassinado. De manhã, no extremo oeste do estado, um dos fundadores do PCC foi assassinado na cadeia por membros da própria facção. 19/fev/2002

Violência em São Paulo – Entre os mortos o homem que chefiava o comboio, Djalma Gomes, integrante do PCC - facção criminosa que atua dentro e fora de presídios em São Paulo. 05/mar/2002

Bombas em São Paulo – Desde o começo do ano prédios da justiça e da administração penitenciária foram alvos de atentados assumidos pelo PCC. 08/mar/2002

PCC assume mais um atentado – O PCC, facção que age nos presídios, promoveu três rebeliões no estado. [...] Mais um ato de ousadia da facção criminosa, o PCC, mostra que o crime organizado não se intimida, diante da reação da polícia de São Paulo. 09/mar/2002

Durante a série de atentados à cidade de São Paulo, no mês de maio de 2006, o *Jornal Nacional*, em nenhum momento, é citada a sigla da facção. O Primeiro Comando da Capital passou então a ser denominado pelo jornal de maior audiência do país como “a facção criminosa”.

No dia 18 de maio de 2006, o apresentador do *Jornal Nacional*, Willian Bonner, entrevistou, ao vivo, o então governador do Estado de São Paulo, Cláudio Lembo. O jornalista destaca a ocasião dos atentados como sendo “a crise”. Da mesma forma, os repórteres que entraram na programação informaram notícias em referência ao comando



como “os ataques”. O Governador Cláudio Lembo mencionou o movimento como “essa gente má”.

Assim, fica claro perceber que o *Jornal Nacional* involuntariamente ajudou a construir a imagem do PCC, divulgando suas ações e enfatizando aquilo que para a facção criminosa seria seu propósito principal.

Abaixo, os textos veiculados no telejornal, entre os dias 13 e 15 de maio de 2006.

-Alerta máximo em São Paulo – No começo do sábado, os principais criminosos são transferidos para um presídio de segurança máxima. Um deles é Marcos Camacho, o Marcola. Acusado de orquestrar a onda de rebeliões e ataques. 13/mai/2006

-Medo em São Paulo – Vamos aos números, que lembram uma guerra: 184 ataques em todo o estado; 56 ônibus queimados; 8 agências bancárias pelo menos destruídas; 43 policiais e cidadãos assassinados. E 38 suspeitos de envolvimento com esses crimes também morreram em confronto com a polícia. Ao todo, 81 mortos. 15/mai/2006

- Mapa da violência (15/05/2006)

- Números da violência (16/05/2006)

A partir daqui, não encontramos mais o nome PCC em matérias do Jornal nacional. Todas as referências a ele passaram a ser feitas como “uma facção criminosa”.

2.3 - Sequestro do jornalista Guilherme Portanova

Às 08h do dia 12 de agosto de 2006, o repórter da TV Globo Guilherme Portanova e o auxiliar técnico Alexandre Coelho Calado estavam numa padaria na zona sul da cidade quando foram capturados por dois homens armados.

Calado foi liberado na noite de sábado levando um DVD com uma gravação do Primeiro Comando da Capital (PCC). O auxiliar técnico recebeu a orientação para que o material fosse veiculado na íntegra pela emissora, para garantir a vida do repórter Guilherme Portanova que permaneceu no cativo.

Após analisar o problema e consultar entidades representativas de jornalistas de países que já se depararam com guerras e seqüestros de jornalistas, a Globo optou por ceder às pressões do PCC. No dia 13 de agosto, às 0h28, o jornalista Cesar Trali, em caráter de



Plantão na programação da Rede Globo, fez uma rápida chamada e foi levado ao ar o comunicado do PCC, de 3m36s.

Na exibição do vídeo, enquanto um homem encapuzado faz a leitura do texto, é possível observar por meio de letras grandes, escritas de cor preta na parede branca, por detrás do suposto líder da facção, a frase “PCC: Luta pela Justiça...” A filmagem é focalizada inicialmente no homem, de modo que, ao final do discurso, é dado destaque ao nome PCC na parede.

O comunicado não foi repetido pela emissora em seus noticiários, claramente para não ampliar sua visibilidade. No texto, o membro do PCC reclamava da falta de estrutura nos presídios e, sobretudo, pedia mais agilidade nos julgamentos de recursos de presos e na liberação de presos com sentenças cumpridas. E terminava com uma ameaça: “(...) não vamos aceitar e não ficaremos de braços cruzados pelo que está acontecendo no sistema carcerário. Deixamos bem claro que nossa luta é contra os governantes e os policiais. E que não mexam com nossas famílias que não mexeremos com as de vocês. A luta é nós e vocês”. Referência clara ao que já havia acontecido na cidade de São Paulo, com o fim da ordem provocado em maio do mesmo ano.

Conclusões

Ao longo deste artigo procurou-se demonstrar como a mídia, a fim de desempenhar seu papel jornalístico, contribui para disseminar e fortalecer a imagem do PCC. Como pode ser observado, a mídia jornalística, ao atuar no cumprimento de seu papel de informar, foi e teve papel fundamental para a disseminação e o fortalecimento da imagem pública da facção criminosa.

Pode-se dizer que o PCC só cresceu e se tornou tão poderoso como é porque contou com ampla divulgação dos seus atos pelo jornalismo. E isso só aconteceu pois o Primeiro Comando da Capital deu ao jornalismo os eventos e as imagens espetaculares que geram notícias obrigatórias. Ou seja, ao cumprir seu papel de informar, o jornalismo contribuiu para o fortalecimento da imagem dos criminosos.

A análise do material coletado para este artigo permite concluir que a cobertura de um evento e a divulgação de determinada imagem geraram sua repetição em eventos posteriores. O nome do PCC em destaque e os ônibus incendiados, por exemplo, são repetidos exaustivamente e acabaram se tornando marcas do PCC.



Outro ponto importante observado é que no episódio de maior repercussão do PCC na mídia, ocorrido em maio de 2006, a falta de informação por quem deveria estar à frente da situação, ou seja a polícia e o Governo do Estado de São Paulo, fez com que houvesse a disseminação de boatos, que fortaleceram a percepção sobre as ações dos criminosos.

Ao que tudo indica, o jornalismo percebeu essa intencionalidade dos criminosos e a importância da imagem para tal e passou a evitar o fortalecimento do nome PCC como “grife do crime”. Após os ataques de maio de 2006, tanto o Jornal Nacional quanto a Folha de S.Paulo pararam de divulgar o nome PCC, que passou a ser citado apenas como “uma facção criminosa”.

Referencial Bibliográfico

AMORIM, Carlos. *CV-PCC: A Irmandade do Crime*. São Paulo: Record, 2003.

ARBEX JR, José. *Showrnlismo: A notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

CONTERA, Malena Segura. *Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1992

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Séc. XX: Neurose*. 3ª ed. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

PAIERO, Denise. *São Paulo Re-signada: Um dia de caos na maior cidade do país in Os Meios da Incomunicação*. São Paulo: Annablume, 2011 (no prelo).

_____. *A estrutura simbólica do terror*. Monografia apresentada no curso de Doutorado do Programa de Estudos Pós-graduados de comunicação e Semiótica da PUC-SP, para a disciplina Estudos Culturalistas da Comunicação. São Paulo, 2009

RABIGER, M. 2005. *Uma Conversa com Professores e Alunos sobre a Realização de Documentários*. In: M. MOURÃO & A. LABAKI (Orgs.). *O Cinema do Real*. São Paulo, Cosac Naify.

SOUZA, Fatima. *PCC – A Facção*. São Paulo: Record, 2006.

SOUZA, Percival de. *O Sindicato do Crime*. São Paulo: Ediouro, 2006.

Fonte online:



SOUZA, Fatima. Como funciona o PCC. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/servicos/imprimir.asp?txtURL=http://oglobo.globo.com/online/...>>. Acesso em: 28 mar. 2006.
